

Extensão universitária: construindo saberes entre língua inglesa e cultura¹

Miliane Moreira Cardoso Vieira

Professora orientadora do projeto de extensão Construindo saberes entre língua inglesa e cultura na UFT/*campus* de Araguaína.

Kellen Lucy Santos Silva

Bolsista de Extensão (Pibex/UFT).

Resumo

Neste trabalho, objetivamos mostrar os resultados das pesquisas do projeto de extensão Construindo saberes entre língua inglesa e cultura. O foco deste projeto de extensão visa compreendermos que, no ensino e aprendizagem de língua inglesa como Língua Adicional (LA), além do ensino da língua, há também trocas culturais que se tornam importantes para desenvolver no aluno a compreensão da cultura do outro. Esse ensino intercultural faz com que o novo aprendiz seja não apenas mais um falante da nova língua, mas capaz de compreender e aceitar as diferenças e entender o contexto das situações que acontecem em uma cultura, evitando, assim, estereótipos culturais que, muitas vezes, são provenientes de um julgamento prévio, baseado apenas nas suas próprias questões culturais. Os dados desta pesquisa foram gerados na oficina de Cultura Americana ministrada por ETAs (*English Teaching Assistants*) na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no *campus* de Araguaína/Cimba. Esses dados referem-se a questionários respondidos pelos alunos que assistiram essas oficinas. Através dos resultados obtidos pudemos perceber que os alunos que participaram da referida oficina conseguiram entender que aprender uma nova língua é também aprender uma nova cultura.

Palavras-chave: Ensino. Língua inglesa. Cultura.

¹ Agradeço à Pró-reitoria de Extensão – Proex/UFT, pelo incentivo e por conceder o financiamento que tornou possível esta pesquisa.

Refletindo sobre o papel da extensão universitária

As universidades públicas brasileiras existem para atender às necessidades do país e de sua população. Distribuídas por todo o território nacional, em toda a sua existência sempre estiveram associadas ao desenvolvimento econômico, social, cultural e político da nação.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, no seu artigo 43, que trata das disposições e finalidades da educação superior, confere que a educação superior tem por finalidade desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão na universidade, objetivando sua integração com a comunidade da qual faz parte e, por meio dessas mesmas ações, desenvolver a ciência e a tecnologia, visando contribuir com a construção e reconstrução da sociedade. É à extensão que cabe o papel fundamental de pôr em prática o ensino, a pesquisa e, ao mesmo tempo, dar sentido à ação universitária. Afinal, o sentido mais amplo da universidade é contribuir para a sociedade.

Portanto, a extensão, na sua missão interdisciplinar, instiga a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição, comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão do conhecimento de seus vários efetivos destinatários.

De acordo com Paula (2013), os avanços da extensão universitária no Brasil deveram-se, em muito, ao Fórum de Pró-reitores de Extensão – Forproex, pelo seu papel de destaque na conceptualização da extensão universitária. Segundo o autor, a tarefa da universidade para a sociedade seria dialogar com ela e tentar responder às suas demandas e expectativas. Devendo reconhecer a sociedade, em sua diversidade, tanto como sujeito de direitos e deveres, quanto como portadora de valores e culturas tão legítimos quanto aqueles derivados do saber erudito. Por meio da extensão universitária a comunidade acadêmica encontra na sociedade a oportunidade de colocar em prática o conhecimento acadêmico. Ademais, no retorno à universidade, docentes e discentes trazem um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, é acrescido de conhecimento (FORPROEX, 1987).

Extensão universitária na Universidade Federal do Tocantins

Em setembro de 2003, a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários – Proex foi criada na Universidade Federal do Tocantins (UFT), que é responsável por coordenar as atividades de extensão universitária dos diversos setores da universidade, apoiando programas, projetos e atividades. A Proex sistematiza seu trabalho de acordo com as diretrizes do Plano Nacional de Extensão, formuladas em conjunto com as universidades públicas do Brasil. E tem como objetivo proporcionar condições para que a comunidade tenha acesso às informações científicas, tecnológicas e culturais, cooperando com a construção de novos conhecimentos e a integração da universidade com a sociedade em geral.

A extensão universitária na UFT busca consolidar essa política, fortalecendo o projeto da universidade de interagir com os diversos grupos sociais, de forma a contribuir para construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária. Para desenvolver essas atividades, definiu-se que a política de extensão da UFT estaria pautada em três eixos principais que são: promover a cidadania; apoiar a diversidade étnico-cultural; e promover a arte e a cultura.

Na UFT, atualmente, existem 10 programas e projetos de extensão, entre eles há o Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Universidade Federal do Tocantins – Pibex. Esse programa financiou a presente pesquisa durante o ano de 2013/2014, proporcionando a interligação entre pesquisa, extensão e ensino. Todos os projetos da universidade, inclusive o Pibex/UFT, têm contribuído de forma enriquecedora através do ensino e da pesquisa, para que haja uma relação transformadora entre universidade e a sociedade.

Construindo saberes entre língua inglesa e cultura

Há três anos o Conselho de Diretores da Comissão *Fulbright* aprovou a proposta de manter, por um ano, jovens norte-americanos recém-graduados, com alguma experiência em ensino de língua inglesa, em instituições brasileiras interessadas em utilizá-los como assistentes de ensino no Curso de Letras (Língua Inglesa). Esse projeto tem como objetivo melhorar a qualidade na formação dos

futuros professores e provocar uma experiência intercultural para os envolvidos. Esses assistentes são conhecidos como ETAs (*English Teaching Assistants*).

A pesquisa apresentada neste artigo está relacionada ao projeto Construindo saberes entre língua inglesa e cultura, cujo foco consistiu em analisar a oficina de Cultura Americana ministrada por uma ETA, na UFT *campus* de Araguaína/Cimba. O objeto de investigação visava entender se os participantes dessa oficina compreendiam a indissociabilidade entre o ensino e aprendizagem de língua inglesa e a cultura.

Compreendendo que língua e cultura andam de mãos dadas no espaço de ensino e aprendizagem de uma língua, Janice (2002, p. 19) instiga que pensemos da seguinte forma: “A língua é a mediadora da cultura; a cultura é interpretada pela língua; a cultura é conservada e relatada através da língua, conseqüentemente, quando se fala em língua, fala-se em cultura, e quando se fala em cultura, fala-se em língua”.

Portanto, a aprendizagem de língua inglesa, no caso desta pesquisa, não se restringe somente a aquisição de informações acerca da gramática e vocabulário desta língua, pois, além de toda aprendizagem gramatical, haverá também uma grande troca cultural, que surge a partir do momento em que se estuda uma nova LA. Sendo assim, ao aprender uma língua, é necessário saber analisar e diferenciar os aspectos culturais de acordo com o contexto em que essa língua é falada.

No entanto, ao conceituarmos cultura, notamos que há uma grande variação de acepções desse termo. Estudiosos renomados como Malinowski (2008, 1941), Brown (2000), Halliday (1985) e outros disponibilizam uma série de definições de cultura que se complementam. Em Malinowski (2008,1941), verifica-se uma visão universalista e uma visão particularista da definição de cultura, pois, segundo ele, a cultura é considerada como uma totalidade de características de um grupo social.

Para esse autor, a cultura é um ambiente secundário e artificial formado por diversas estruturas organizacionais interdependentes, criadas pelo ser humano com o intuito de satisfazer todas as necessidades básicas dos membros da comunidade que a criou. Ela deve ser tratada como um todo integrado e coerente, repleto de costumes perfeitamente elaborados e cheios de significação. Segundo esse

antropólogo, a cultura representa a totalidade social, o conjunto de todas as instituições, um “ambiente artificial”, uma forma de resolver as necessidades humanas:

Cultura é um conjunto integral de instituições em parte autônomas, em partes coordenadas. Ela se integra a base de uma série de princípios, tais como: a comunidade de sangue, por meio da procriação; a contiguidade espacial, relacionada à cooperação; a especialização de atividades [...]. Cada cultura deve sua integridade e sua auto-suficiência ao fato de que satisfazer toda gama de necessidades básicas, instrumentais e integrativas. (MALINOWSKI, 2008, 1941, p. 40, tradução nossa)

Sendo assim, cultura de um grupo ou de uma classe representa um estilo de vida especial e distinto desse grupo ou classe, nela estão inclusos ideias e valores, seus significados e como eles são refletidos nas instituições, nas relações sociais, nos costumes, nos sistemas de crenças e tradições, no uso dos objetos e na vida material.

Segundo Sarmiento (2004), os valores e as normas de comportamento variam largamente entre as culturas, a autora explica que sociedades pequenas tendem a ser culturalmente uniformes, mas sociedades industrializadas apresentam diversidade cultural, envolvendo numerosas subculturas diferentes. Dessa forma, cada cultura expõe seus próprios padrões de comportamento, que podem parecer muito estranhos quando vistos por pessoas de outras culturas. Entretanto, todas as comunidades fazem sentido em seu dia a dia, e, quando os seus hábitos nos parecem estranhos, é porque não estamos entendendo seus comportamentos. Uma cultura deve ser estudada em termos de seus próprios significados e valores, e não de uma maneira etnocêntrica, que é o julgamento de outras culturas a partir da nossa própria cultura.

De acordo com a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional, Halliday (1985, p. 4, *apud* VIAN JR., 2012) define cultura como “um conjunto de sistemas semióticos, um conjunto de sistemas de significação, que estão todos inter-relacionados”. Segundo Halliday (1978, *apud* VIAN JR., 2012), a língua como semiótica social é o ponto central na compreensão de como a realidade cultural é desenvolvida e representada. Assim, é necessário crer que essa realidade cultural é tão heterogênea e heteroglóssica quanto a língua em si. Para o autor (*Idem*, p. 5),

todo “conhecimento é transmitido em contextos sociais por meio das relações humanas, como aquela que se estabelece entre pais e filhos, entre professores e alunos, ou entre colegas, que se definem nos sistemas de valores e de ideologias de uma dada cultura”.

A partir dessas definições, observa-se que a cultura sempre está sujeita a mudanças, ela é um conhecimento que é aprendido e que pode ser repassado, não existe uma cultura melhor ou pior que a outra, o que existe são contextos diferentes que devem ser analisados e entendidos. Todas as “ações” que acontecem numa comunidade fazem sentido para aquela determinada cultura, e mesmo que para uma cultura diferente pareça estranho, é necessário que haja uma compreensão e não um julgamento prévio adquirido de forma universal.

O ensino de uma LA em um contexto cultural objetiva desenvolver no aluno a competência comunicativa intercultural. Essa competência destaca o encontro entre culturas como parte essencial da vida contemporânea e do aprendizado de outra língua. Através dela, haverá uma capacidade de realizar a atividade de fala por meio dos recursos da língua que se estuda, de acordo com os objetivos e a situação, ou seja, são incluídos os componentes pragmáticos e culturais da língua estudada.

Bergmann (2002 *apud* KRAVISKI; BERGMANN, 2006, p. 64) afirma que:

A aprendizagem de uma língua estrangeira é diferente da aprendizagem de outras disciplinas, principalmente pelo seu caráter social, que prevê a interação, direta ou indiretamente, do indivíduo com povos e culturas diferentes da sua. Estando contemplada na área de conhecimento das ciências humanas, a aprendizagem de uma língua adquire um caráter individual e único, já que exige processos cognitivos ligados à experiência de vida de cada indivíduo. Conhecer a comunidade na qual a língua-alvo está inserida é imprescindível, principalmente, se considerarmos a língua como um dos códigos que melhor representa a cultura de um povo.

Brown (2000) segue esse mesmo pensamento, pois, segundo ele, ao aprendermos uma língua estrangeira estamos aprendendo também uma nova cultura, pois para o autor língua e cultura estão sempre ligadas. Nesse sentido, no aprendizado de outra língua sempre ocorrerá um processo chamado por Brown de aculturação: “[...] A language is a part of culture, and a culture is a part of a language; the two are intricately interwoven so that one cannot separate the two without losing the significance of either language or culture” (BROWN, 2000, p. 177).

Com essas reflexões, percebe-se que ao aprendermos uma nova língua devemos também aprender a cultura do outro, assim, teremos sucesso na nossa competência comunicativa. O ensino de cultura faz com que o aluno desenvolva estratégias necessárias para atuar socialmente na cultura da língua alvo.

Compreendendo os dados da pesquisa

Este trabalho de pesquisa apresenta a integração entre ensino, pesquisa e comunidade. Como mencionado anteriormente, o objetivo deste é investigar como os participantes da oficina de Cultura Americana compreendem a questão da indissociabilidade entre o ensino e aprendizado de língua e cultura.

Da oficina de Cultura Americana participavam os alunos do curso de Letras, os alunos de outros cursos da universidade e também membros da comunidade de Araguaína. Os dados foram gerados através de anotações de campo das aulas observadas e, ao final das aulas da oficina, foram aplicados questionários abertos a três participantes, cuja escolha foi aleatória. Neste trabalho, apresentaremos apenas as análises dos questionários respondidos.

Primeira Pergunta – O que você entende por cultura?
Aluno 01 – “Para mim Cultura são os costumes de um povo, a maneira e a tradição de um determinado país ou estado”.
Aluno 02 – “Tudo, a maneira como falamos, nos vestimos, nos comportamos, etc. Tudo isso marca nossa cultura”.
Aluno 03 – “Cultura pra mim é tradição, e a cultura é derivada dos costumes milenares de um povo”.

De acordo com as respostas dos alunos, percebeu-se que eles têm por base uma definição de cultura antropológica, que é vista como costumes de um povo,

como o comportamento, ou seja, nesse ponto de vista, cultura é um termo que dá realce aos hábitos de um grupo ou população. Falar sobre cultura é complexo devido às várias definições que se tem, entretanto, o ensino de língua está totalmente associado à cultura. As respostas dos alunos no quadro acima se relacionam com o pensamento antropológico de Malinovski (2008, 1941, p. 81):

Na verdade, identificar significa compreender. Compreendemos o comportamento de outra pessoa quando lhe conhecemos os motivos, os impulsos e os costumes, ou seja, o modo global como ela reage face às condições com que se confronta.

A partir dessa definição antropológica, observa-se que a cultura sempre está sujeita a mudanças, ela é um conhecimento que é aprendido e que pode ser repassado, não existe uma cultura melhor ou pior que a outra, o que existem são contextos diferentes que devem ser analisados e entendidos, todas as “ações” que acontecem numa comunidade fazem sentido para aquela determinada cultura, e mesmo que para uma cultura diferente pareça estranho, é necessário que haja uma compreensão e não um julgamento prévio adquirido de forma universal. Devemos compreender a cultura do outro, todas as culturas são diferentes e têm suas peculiaridades, então todo contexto deve ser levado em conta.

Entendemos cultura como tradições e costumes de uma determinada comunidade, sua maneira de viver e seus valores morais. Entretanto, o que mais representa a cultura de um povo é a sua língua. Sarmiento (2004), ao relacionar língua e cultura, cita Samovar e Porter (1994, p. 16):

Uma língua é um sistema de símbolos aprendido, organizado e geralmente aceito pelos membros de uma comunidade. É usado para representar a experiência humana dentro de uma comunidade geográfica ou cultural. Objetos, eventos, experiências e sentimentos têm um nome específico unicamente porque uma comunidade de pessoas decidiu que eles assim chamariam. Por ser um sistema inexato de representação simbólica da realidade, o significado das palavras está sujeito a uma variada gama de interpretações.

Sendo assim, cada povo representará e utilizará sua língua em função de sua realidade e vivências, logo, sua cultura. A segunda pergunta que segue abaixo se relaciona aos conteúdos ministrados nas aulas de Cultura Americana:

Segunda Pergunta – O que você achou das aulas de Cultura Americana?
Aluno 01 – “Ótimas, pois a partir delas pude aprender bem mais sobre as tradições e os costumes dos Americanos”.
Aluno 02 – “As aulas de Cultura Americana foram muito boas, cooperou muito para o aprendizado de língua inglesa”.
Aluno 03 – “Muito interessante. Pude aprender muito sobre o modo de vida Norte-Americano”.

A visão dos alunos sobre as oficinas de Cultura Americana foi que houve um aprendizado satisfatório tanto de assuntos gramaticais, lexicais, como também de Cultura Americana, criando pontes interculturais e fazendo com que novos horizontes se construíssem. A forma de apresentar os assuntos nas oficinas pelas Americanas mostrava sua cultura e fazia com que houvesse essa construção de saberes tão ímpar, causando nos alunos esse êxtase por aprender sobre uma nova cultura, através de uma nativa, desvendando mitos, proporcionando novas informações e desfazendo-se muitos estereótipos culturais.

Através de uma visão antropológica no ensino de línguas, podemos associar que, ao aprender uma nova língua, aprende-se também uma nova cultura. Ao falarmos do ensino de uma língua adicional, devemos ter em mente que esse processo envolve muito mais do que uma simples transmissão de códigos já preestabelecidos pela sociedade, ou seja, há que se levar em consideração toda a bagagem cultural e histórica vivenciada por aquele povo, para que assim se possa compreender a maneira como a linguagem influenciou e influencia os falantes. A cultura deve ser vista como algo dinâmico, que pode ser olhada a partir de qualquer das dimensões envolvidas, sendo assim, um fenômeno cultural envolve formas que indivíduos usam em suas interações em grupos, de modo que seus valores, suas atitudes e crenças sejam refletidos. A terceira e última pergunta do questionário ainda procura investigar aspectos referentes às aulas recebidas:

Terceira Pergunta – Qual foi a sua aula preferida?
Aluno 01 – “O mais interessante foi o dia da independência da América no qual mostrava várias histórias sobre a colonização e seus heróis, porque a partir daí mostrou que assim como o Brasil também teve sua história de independência”.
Aluno 02 – “O que aprendi de mais interessante na aula de Cultura Americana foi sobre American Dialects e esta também foi minha aula favorita, pois vimos que nos Estados Unidos também existem diferentes dialetos, sotaques e léxicos”.
Aluno 03 – “Tudo foi interessante, mas a aula que mais gostei foi sobre ‘phrasal verbs’ porque sem conhecimento prévio ficaria muito difícil de compreender e/ou traduzir algo assim”.

Em relação aos temas das aulas, as respostas dos alunos revelaram que houve esclarecimentos de vários aspectos culturais, tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil. Eles puderam ver que nos EUA eles “também” lidam com diferenças, com histórias de lutas e conquistas, assim como qualquer outro país. De acordo com as respostas dos alunos, as expectativas foram superadas, pois, ao estudarmos uma nova cultura, percebemos que muitos comportamentos podem parecer estranhos para nossa cultura, podemos até julgar como algo errado. Entretanto, se algo parece não estar certo numa determinada cultura, poderemos ir além do que nossos olhos possam ver, e entenderemos que as diferenças existem em todas as culturas, sendo assim, devemos aceitá-las.

Essa oportunidade contribuiu de forma significativa para o aprendizado desses participantes, não de uma visão equivocada em relação a elementos importantes, por exemplo, a cultura alvo, quase sempre exaltada e adulada, em detrimento da nossa cultura. O ensino de língua e cultura promove atitudes positivas e respeitadas, tais como aceitação das diferenças, tolerância e respeito para com o próximo.

Por isso, há uma grande necessidade do ensino crítico e intercultural que faça o aluno promover atitudes positivas e respeitadas, tais como aceitação das

diferenças, tolerância e respeito para com o próximo. Havendo isso, igualmente facilitará a eliminação dos estereótipos culturais muito frequentes em todas as comunidades e, dessa maneira, a promoção da compreensão de outras culturas.

O ensino de uma língua estrangeira em um contexto cultural objetiva o desempenho do aluno, fazendo com que ele tenha proficiência comunicativa, que possa promover também uma competência comunicativa intercultural. Portanto, Siqueira (2015) propõe que os professores reorientem um ensino que promova o crescimento dos participantes, que amplie os seus horizontes, que os façam adentrar em outros espaços, rompendo as barreiras que tanto nos separam e impedem de compreender uns aos outros. E a interculturalidade é um dos meios mais autênticos para que se promovam práticas socioculturais.

É importante que o professor ao ensinar sobre Cultura Americana, como a ETA, possibilite ao aluno não apenas aprender conteúdos da língua ou obter informações pontuais sobre a cultura alvo, mas construir conhecimento intercultural, a partir dessa experiência pedagógica, discutindo a visão que o outro tem de nós, determinando se aceitamos ou rejeitamos essa visão e comparando semelhanças e diferenças entre as concepções de mundo nas duas culturas.

Algumas reflexões e encaminhamentos

De forma geral, a experiência como bolsista de extensão neste projeto foi extremamente positiva para todos os envolvidos. Os alunos que participaram das oficinas conseguiram ver a união entre o ensino de língua inglesa como LA e cultura, pois, por meio dos relatos, vimos que essa experiência influenciou muito a aprendizagem e a visão dos mesmos sobre as diferenças culturais. No entanto, assim como os participantes das oficinas, as ETAs também aprenderam sobre a cultura brasileira, aprenderam sobre nossa cultura e nossa língua.

Entendemos então que cabe ao professor a responsabilidade de criar na sala de aula esse ambiente apropriado à interculturalidade, mesmo isso sendo um grande desafio, acreditamos que, por meio desse entrelaçamento, um aprendiz de LA poderá obter uma melhor aprendizagem. Esta pesquisa de extensão contribuiu

de forma significativa para que os alunos do curso de Letras, os alunos de outros cursos e a comunidade em geral tivessem a oportunidade de fazer parte dessa interação intercultural com um nativo; isso foi maravilhoso para o conhecimento.

Pretendemos continuar pesquisando nessa mesma abordagem de pesquisa no projeto Construindo saberes entre língua inglesa e cultura, para que futuramente haja uma contribuição significativa no ensino de LA no município de Araguaína, através das oficinas que serão oferecidas. O nosso objetivo era comprovar que língua e cultura são inseparáveis. Conseguimos ver essa união nas pesquisas e observações feitas, sendo assim, podemos afirmar que cultura e língua são fatores que sempre estarão ligados.

Na finalização deste trabalho, gostaria de mais uma vez agradecer a Proex/UFT pela oportunidade de ser bolsista deste projeto, por todo apoio financeiro concedido para que o trabalho pudesse ser concluído com sucesso. Além de colaborar com este tão interessante projeto, desenvolvi meus conhecimentos e consegui perceber a inserção social da docência, que é a profissão em que escolhi atuar. Consegui ver que a extensão universitária visa à relação da universidade e sociedade, mobilizando, para o ensino, possibilidades, metodologias e estratégias alternativas da aprendizagem na construção do conhecimento humano. Agradeço à coordenadora deste projeto, por toda orientação e disponibilidade durante este ano de pesquisa.

University Extension: building English language and culture knowledge

Abstract

In this study, we aimed to show the results of the extension project research Building knowledge of English Language and Culture. The focus of this extension project aims to understand that in the teaching and learning of English Language as Additional Language (AL), besides teaching the language, there are also cultural exchanges that become important to be developed in students, in order to understand other cultures. This intercultural education makes the new apprentice not just a new language speaker, but able to accept differences and understand the context of

situations that happen in a culture, thus avoiding cultural stereotypes that often come from a previous judgment, based only on their own cultural issues. The data from this study were generated in the American Culture workshop taught by ETAs (English Teaching Assistants) at the Federal University of Tocantins (UFT), Araguaína/Cimba Campus. These data refer to questionnaires answered by students who attended these workshops. Through the results, we realized that students, who participated in the workshop, have come to understand that learning a new language is also learning a new culture.

Keywords: Education. English language. Culture.

Referências

BERGMANN, J. C. F. *Aquisição de uma Língua Estrangeira: o livro didático como motivador*. Curitiba, 2002, 155f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Paraná, 2002.

BROWN, H. D. *Principles of Language Learning and Teaching*. 4. ed. PEARSON-ELT, 2000.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Revista Entreletras*, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

JANICE, L. M. M. *Como está a questão da cultura no ensino de língua estrangeira (inglês) frente aos parâmetros curriculares nacionais*. Uberlândia, 2002. (Dissertação Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

KRAVISKI, E. R.; BERGMANN, J. Interculturalidade e motivação na aprendizagem de línguas. *Revista Intersaberes*, v. 1, n. 1, p. 78-86, jan./jun. 2006.

MALINOWSKI, B. A. *Scientific Theory of Culture*. Pennsylvania: State University, 1941.

MALINOWSKI, B. A. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces – Revista de Extensão*, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul./nov. 2013.

SAMOVAR, L. A.; PORTER, R. E. *Intercultural Communication*. A reader. Belmont: 1994. p. 1-25.

SARMENTO, Simone. Ensino de cultura na aula de língua inglesa. *Revista virtual de Estudo da linguagem – Revel*, v. 2, n. 2, mar. 2004.

SIQUEIRA, D. S. P. *Interculturalidade na aula de língua inglesa da escola pública: possibilidades e desafios*. No prelo.

VIAN JR., O. *Língua e cultura inglesa*. Curitiba: IESDE, 2012.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

VIEIRA, Miliane Moreira Cardoso; SILVA, Kellen Lucy Santos. Extensão Universitária: construindo saberes entre língua inglesa e cultura. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 105-118, jul./dez. 2014.